

ESPERA

Pobre sina de moça apressada
Jamais tolerou espera dormente
Antecipava dia adiando madrugada
Rompiu florescer sem mesmo semente.

Almejava Lennon antes de Ringo
Outono fresco ainda em verão.
Com terça-feira cavava domingo
Via tempestade onde só trovão.

Fazia de cada quarto um meio.
Livros, lia a postos na página sem
A ponta dos dedos, folheava anseio
À espera da inteira mão que não vem.

Até que, quando menos-si esperava
Achou maneira de receber presente
Sorte da moça, topar o que não buscava:
Deparou no mundo seu lugar-paciente.

BELA DONA

Dona sabia fazer. Era Dona não à toa.

Não tocava harpa, nem flauta, ou viola. Mas sabia como só tocar pessoas. Aos ouvidos, soprava-lhes acordes, e nunca acordos. Era maga de sina. Bela Dona.

Tão ligeira quão suave passeava pelo Tempo. Elegante e luzente, ofertava sorrisos efusivos aos passantes. E passava. Espalhava centelhas douradas a cada vez que mexia as mechas, movendo fios em direção ao entre, como só quem sabe ser mulher: sem vara, varava.

Um dia topou em seu canto a moça que chegara há tempos, sendo ainda supetão. Entornava amor, mas era mais que isso. Foi cena curta a que se deu nessa fagulha impressa na memória: dividida como sempre, na despedida, moça guerreira confiou-lhe folhas escritas com uma mão, enquanto a outra oferecia o pagamento que lhe era devido.

Devido à escolha tão decisiva deu conta o destino: Dona estendeu as mãos para os textos, aproximando-os de desejo musicado, adiado (em quase desdém) o encontro com a outra mão que oferecia notas sem som. Anunciava – como só quem é Dona – o que esperava dela: que pagasse com seu trabalho.

À tal moça varada só coube resposta certa e franca, verdadeiro batente. Saiu dali para o sempre e pôs-se a escrever fadada, já que gratidão o bastante não poderia talhar. Fez-se inscrevê-la, descrevê-la, já sem vê-la. Já não mais dona de si, ocupou-se de não vagar.

Lembrou das tardes em praça italiana, lugar onde artistas cedem labutas assim de passagem, frente a templos. Aderiu escambo: trocou o ato de sua Dona por arte. Descambou a creditar à escrita o

lugar de seu nascimento, para que o pouco que tivesse a dizer na vida fosse, se não bendito, ao menos bem dito.

Desde então insurgiu o impagável trabalho que se faz com mãos e palavras.

FONTANA DI TREVI

Porque a Itália é habitada, e porque está logo ali (mesmo que às vezes parecesse inalcançável aos olhos ressecados da Menina que vez por outra cegava à vista), também a via a Mulher que falava a língua que era a prova de que Deus havia. Sortilégio tal que até silêncios encanavam pistas.

Um dia, três pistas encantaram fonte: encontro da fortuna. À frente, Fontana di Trevi. Seria fonte de entrave, não fosse fonte de através. Fonte travessa. Abastecia abastadas nascentes para onde corria a Menina afoita de travessões, atravessando vias.

Três vias em um só lugar, o deságue, a vazão frontal: fonte dos trevos. Sorte de se haverem topado, a Menina e a Mulher, duas almas que falavam a mesma língua corrente. Aqueduto conduzindo matéria fluida, magneticamente irrigada, regada a magma e apta a borbulhar magia.

Tudo isso encharcava a fonte. É fato. Por isso, às vezes, a Menina transbordava, sendo preciso dosador – dosar a dor – do fluxo. Alagava de cheias marés, e jorrava ensopada, mas ali mesmo, embebida, lavava a alma.

E tal frente-fonte a fazia de meio. A língua cortada. Atrás a Mulher garantia: Fontana jamais enxuga. E empurrava a Menina empapada adiante, que aguaceiro lavrado as levava de jeito as duas, nessas suas vidas secas de águas cristalinas: a Mulher que rima com Fontana, e a Menina que por isso se atreve.